

ISOTOPIAS E PONTO DE VISTA NA LEITURA DO SALMO 139

HUMBERTO MARCOS BALANIUC*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), Pioneiros, MS, Brasil.

Recebido em: 16 ago. 2022. Aprovado em: 9 fev. 2023.

Como citar este artigo: BALANIUC, H. M. Isotopias e ponto de vista na leitura do salmo 139. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 1, p. 223-240, jan./abr. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n1p223-240

Resumo

Este artigo propõe um exercício de análise enunciativa do texto bíblico do salmo 139, tendo por objetivo considerar alguns dos pressupostos da teoria da enunciação, apoiando-se na abordagem de Fiorin em sua obra *Astúcias da enunciação*, assim como recorrer aos conceitos de isotopia temática e de ponto de vista, perspectiva e observador a partir de Bertrand em *Caminhos da semiótica literária*. Pretende-se, ademais, observar como o emprego desses postulados teóricos, de fato, auxilia na compreensão dos mecanismos de significação presentes no enunciado.

* E-mail: 119v18@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-4498-5943>

Palavras-chave

Bíblia. Semiótica greimasiana. Enunciação.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é realizar uma análise enunciativa do texto bíblico do salmo 139, conforme se apresenta na versão Almeida Edição Contemporânea (2020). Optou-se, na transcrição do texto, em manter os números dos versículos que constam na edição, embora tais números não fizessem parte do original. Salienta-se que essa divisão em versículos não acompanha necessariamente a estrutura sintática das frases, o que pode trazer algum ruído à compreensão do texto; foi introduzida, entretanto, uma separação por parágrafos para auxiliar na visualização das isotopias temáticas, sendo eles numerados, juntamente com a identificação numérica dos versículos conforme consta na edição citada.

Na análise, serão consideradas, de início, as isotopias temáticas que conduzem ao motivo do texto, conforme apresenta Denis Bertrand em *Caminhos da semiótica literária* (2003); a seguir, observam-se as categorias de pessoa, tempo e espaço, tendo como base para tanto *As astúcias da enunciação* (1999), de José Luiz Fiorin; por fim, realizam-se breves apontamentos a respeito da figura do observador, novamente apoiando-se na obra mencionada de Bertrand.

Optou-se, neste artigo, trabalhar com o salmo 139 em sua tradução em português e não a partir do texto em hebraico, visto que seu objetivo não é uma análise da tradução ou de questões relativas à tradução da Bíblia – trabalho esse relevante pela própria natureza –, mas a consideração de elementos semióticos, linguístico-discursivos, no âmbito do escopo escolhido para tal empreitada. Objetiva-se demonstrar que o emprego desses postulados teóricos, de fato, auxilia na compreensão dos mecanismos de significação presentes no enunciado do texto em língua portuguesa, o que sempre abre a possibilidade de estender a aplicabilidade do método semiótico para outros exemplares do gênero textual em questão. Sobre a tradução, Greimas assim afirma: “Entende-se por tradução a atividade cognitiva que opera a passagem de um enunciado dado em outro enunciado considerado como equivalente” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 465). Dessa forma, parte-se do princípio, neste artigo, da

equivalência entre os enunciados em hebraico e em português, respeitando-se as diferenças linguísticas de cada idioma.

Este artigo é motivado pelo anseio em trabalhar o texto bíblico a partir de elementos oriundos da semiótica discursiva. Uma análise completa a partir da tradução do hebraico assim como por meio do percurso gerativo de sentido – “hipótese metodológica concernente à economia geral da teoria semiótica” (BERTRAND, 2003, p. 426) – trariam uma extensão e complexidade que fogem ao escopo do presente texto.

O texto das Sagradas Escrituras, por si só, constitui o que se pode considerar, da perspectiva histórico-cultural, um imenso tesouro linguístico e literário a ser ainda melhor explorado pela semiótica iniciada por Greimas. O livro de salmos, de onde o objeto de estudo do presente artigo foi retirado, é o maior livro da Bíblia, composto por 150 capítulos e dividido em cinco partes. Foi o hinário do povo judeu, conforme afirma *The Nelson Study Bible*:

A fim de apreciar plenamente os Salmos, um certo número de suas características deveriam ser guardadas na mente.

Primeiro, os salmos foram escritos para serem cantados. Eles eram canções para adoração pública no Templo do antigo Israel. Eles não eram meros poemas, mas letras para música do mundo antigo. Como tais, eles contêm convenções musicais particulares à música e à adoração para aquele tempo.

[...]

Quarto, os salmos foram escritos na linguagem do espírito humano, as expressões da alma. Os salmos não são uma prosa leve e razoável, mas obras profundamente emocionais que usam linguagem dolorosa, exagero dramático e fala figurativa (NELSON, 1997, p. 874).

Outro elemento importante de ser considerado a respeito dos textos dos salmos é o texto em paralelismo, assim definido:

A característica fundamental destas poesias, no entanto, não era suas formas ou seus ritmos externos, mas, sim, seu modo de combinar ou ecoar um pensamento com outro. Isso tem sido descrito como sendo rima de pensamento, porém, mais frequentemente, como “paralelismo”, um termo introduzido pelo Bispo Robert Lowth no século dezoito (KIDNER, 2008, p. 13).

Os versículos do salmo 139 apresentam essas peculiaridades descritas, sendo, portanto, um tipo de texto com características poéticas.

Entende-se que este artigo atenda especialmente à área de estudos semióticos, mormente a partir da visada discursiva, além de pretender ser uma abertura para uma compreensão do texto escriturístico por meio de uma metodologia que muito contribuiu na área dos estudos de linguagens. Pretende-se atender, também, àqueles que têm na teologia ou nos estudos bíblicos seu foco de interesse, trazendo uma análise discursiva que não se prende à metodologia hermenêutica normalmente utilizada, visto que a teologia não possui na semiótica discursiva, ou nos estudos discursivos propriamente, uma ferramenta de uso habitual.

Para uma primeira leitura, segue o conteúdo do salmo 139:

§1 – Ao diretor de música. Salmo de Davi.

1 – Ó Senhor, tu me sondaste e me conheces.

2 – Tu conheces meu assentar e meu levantar, de longe entendes o meu pensamento.

3 – Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar; conheces todos os meus caminhos.

4 – Sem que haja uma palavra na minha língua, ó Senhor, tudo conheces.

5 – Tu me cercaste em volta, puseste sobre mim a tua mão.

6 – Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim, elevado demais que não posso atingir.

§2 – 7 - Para onde me irei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?

8 – Se subir aos céus, tu aí estás, se fizer nas profundezas a minha cama, tu ali também estás.

9 – Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,

10 – ainda ali a tua mão direita me guiará e me susterá.

11 – Se eu disser: As trevas me encobrirão e a noite será luz à roda de mim,

12 – nem ainda as trevas são escuras para ti, a noite resplandece como dia, pois as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.

§3 – 13 – Pois criaste o meu interior, entreteceste-me no ventre da minha mãe.

14 – Eu te louvo porque de um modo terrível e maravilhoso fui formado, maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem.

15 – Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado. Quando fui entretecido nas profundezas da terra,

16 – os teus olhos viram o meu corpo ainda informe. Todos os dias que foram ordenados para mim, no teu livro foram escritos quando nenhum deles havia ainda.

§4 – 17 – Que preciosos me são, ó Deus, os teus pensamentos! Quão vasta é a soma deles!

18 – Se os contasse, seriam em maior número do que a areia. Quando acordo ainda estou contigo.

§5 – 19 – Se tão somente matasses o ímpio, ó Deus! Apartai-vos de mim, homens de sangue.

20 – Eles falam contra ti com intenção maligna; os teus inimigos tomam o teu nome em vão.

21 – Não odeio eu, ó Senhor, e abomino aqueles que se levantam contra ti?

22 – Odeio-os com ódio completo, tenho-os por inimigos.

23 – Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos.

24 – Vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno. (Sl 139:1-24).

ISOTOPIAS EM TORNO DE UM MOTIVO

Antes das considerações sobre as isotopias presentes no enunciado, cabe aqui uma distinção entre os termos enunciado e enunciação, conforme Greimas e Courtés os definem:

Por oposição à enunciação, entendida como ato de linguagem, o enunciado é o estado dela resultante, independentemente de suas dimensões sintagmáticas (frase ou discurso). Definido dessa forma, o enunciado comporta frequentemente elementos que remetem à instância da enunciação: de um lado estão os pronomes pessoais e possessivos, os adjetivos e advérbios apreciativos, os dêiticos espaciais e temporais etc. [...] e, de outro lado, os verbos performativos [...] (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 148).

Reconhecidas as definições, analisam-se, neste ponto, as isotopias reconhecíveis no enunciado. Nesse sentido, cumpre retomar também o conceito de *isotopia*, a partir de sua compreensão pela semiótica discursiva:

Recorrência de um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado, que produz um efeito de continuidade e permanência ao longo da cadeia do discurso. Diferentemente do campo lexical (conjunto de lexemas ligados a um mesmo universo de experiência) e do campo semântico (conjunto de lexemas dotados de uma organização estrutural comum), a isotopia não

tem por horizonte a palavra, mas o discurso. Ela pode assim referir-se ao estabelecimento de um universo figurativo (isotopias de atores, tempo e espaço), mas também à tematização desse universo (isotopias abstratas, temáticas, axiológicas), e sobretudo à hierarquia entre as isotopias de leitura [...] (BERTRAND, 2003, p. 420-421).

Percebe-se, no texto, a ocorrência de cinco isotopias construídas a partir de semas que remetem a uma organização efetuada por temáticas diferentes. Para fins da análise textual, ressaltamos, o *corpus* foi dividido em cinco parágrafos, os quais foram numerados para auxiliar em sua visualização, e cada parágrafo aponta para uma isotopia específica, indicando, também, uma temática própria.

A primeira isotopia é determinada pela presença de semas relacionados a um conceito de conhecimento; assim, encontramos no primeiro parágrafo os lexemas “conheces” (quatro ocorrências), “entendes”, “esquadrinhas” e “conhecimento”. O conhecimento da parte de Deus a respeito do salmista tem como origem a “sondagem” realizada por Deus na vida dele: “Senhor, tu me sondaste e me conheces” (Sl 139.1). O termo “sondaste” (verbo sondar) abriga a concepção primeira de “fazer a sondagem de; reconhecer ou verificar com a sonda a natureza de um terreno ou solo, a profundidade das águas de um rio ou mar etc.” (MICHAELIS, 2015). Além disso, também significa “explorar com sonda; procurar conhecer (algo ou alguém) indagando ou observando cautelosamente;” (MICHAELIS, 2015). Observa-se, portanto, que o lexema “sondar” remete a um conceito de uma exploração mais profunda, cautelosa, averiguando-se o conteúdo de algo. É esse o conhecimento que, no salmo 139, Deus obtém do ser humano.

Nota-se, ainda, que o texto informa que esse conhecimento não advém apenas da característica própria de Deus de ser onisciente, mas pelo exame realizado por ele na vida do salmista. O conhecimento divino é completo: Ele sabe tudo o que o salmista faz (assentar, levantar, andar, deitar); tudo o que ele pensa – “de longe entendes o meu pensamento” (Sl 139.2), “conheces todos os meus caminhos” (Sl 139.3) – e tudo o que ele diz – ou não diz! – “sem que haja uma palavra na minha língua, ó Senhor, tudo conheces” (Sl 139.4). A resposta do salmista ao contemplar esse conhecimento da parte de Deus é de admiração e de reconhecimento da diferença que existe entre a pessoa humana e a figura divina: “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim, elevado demais para que se possa atingir” (Sl 139.6).

A isotopia do conhecimento rege as outras que aparecerão no texto. Deus sabe onde o salmista pode estar (segundo parágrafo) e o conheceu no ventre de sua mãe (terceiro parágrafo). Na parte final do referido salmo, encontra-se o verbo “conhecer” no imperativo (“conhece o meu coração... conhece os meus pensamentos”), fazendo parte do pedido feito pelo salmista a Deus – embora também se possa ver nele certa nuance de consequência em torno da sondagem de Deus sobre o salmista, solicitada por este. Vê-se que, tendo sentido os efeitos benignos da sondagem antes mencionada, ele se volta para Deus visando a reforçar a presença divina em sua vida, bem como as ações decorrentes de tal presença.

A segunda isotopia é composta de termos que remetem à ideia de lugar: “onde” (duas ocorrências), “irei”, “fugirei”, “subir ao céu”, “aí”, “ali” (duas ocorrências), “profundezas”, “extremidades do mar”. Onde o salmista estiver ou para onde ele for, lá Deus estará também. O enunciador, de forma poética, demonstra a onipresença de Deus ao delegar ao salmista-narrador o querer “fugir” da presença de Deus: “Para onde me irei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?” (Sl 139.7). Esse querer-fazer é modalizado nos verbos no modo subjuntivo que aparecem nesse parágrafo: “se eu subir...”; “se eu fizer...”; “se eu tomar...”; “se eu disser”. Percebe-se, ainda, nesse recorte do texto, dois termos que denotam lugar e que se opõem semanticamente: “céu” e “profundezas” (*Sheol*). Há, ainda, a oposição entre o “aqui” implícito na expressão “se eu tomar [aqui] as asas da alva” com o lá explicitado: “se habitar nas extremidades [lá] do mar” (Sl 139.9). Por fim, há a oposição entre “trevas” e “luz”. O enunciador dá voz ao salmista-narrador, mas agora na condição de interlocutor: “se eu disser: As trevas me encobrirão e a noite será luz ao redor de mim” (Sl 139.11), mas ele reconhece que nem as trevas podem ocultá-lo da presença divina: “as trevas e a luz são para ti a mesma coisa” (Sl 139.12). O enunciador afirma a impossibilidade da ausência divina em qualquer lugar da criação em que o salmista possa tentar se esconder de Deus, mesmo que esse esconderijo seja um refúgio emocional ou psicológico.

A terceira isotopia presente no salmo é composta de semas que remetem à ideia de ação/criação: “criaste”, “entreteste-me/entretido”, “fui formado” (duas ocorrências), “obras” e “dias que foram ordenados”. O salmista louva a Deus pela criação da sua existência, e o fato de ter sido concebido também somente pode ser visto como obra da criação divina, reconhecida como sendo “terrível” e “maravilhosa”. Convém dar destaque ao verbo “entretecer” usado nessa versão, o que comporta a ideia de uma ação inteligente e

com propósito no momento da concepção; na verdade, não apenas nesse momento inicial, mas em toda a vida do salmista a ação de Deus é compreendida como operante e determinante: “todos os dias que foram ordenados para mim, no teu livro foram escritos quando nenhum deles havia ainda” (Sl 139.16).

A quarta isotopia aponta para o conceito de pensamento: “pensamentos”, “soma deles” e “os” (objeto direto). O salmista admira-se com a quantidade de pensamentos de Deus, o que se refere à sua inteligência e sabedoria. Outro texto bíblico demonstra essa verdade, como se pode ler na Carta aos Romanos: “Quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado?” (Rm 11.34-35). O parágrafo encerra com uma singela expressão que aponta para a dependência e o amor do salmista para com Deus: “quando acordo ainda estou contigo” (Sl 139.18).

Finalmente, a quinta isotopia apresenta uma mudança em relação às anteriores, com os semas passando a apontar para o conceito de ódio: “matasses”, “ímpio”, “inimigo”, “odeio” (duas ocorrências), “abomino” e “ódio”. Isso ocorre porque, nesse momento, o salmista não aborda mais como tema a presença de Deus, mas a do ímpio. Se antes havia admiração, louvor e amor devotados a Deus, agora, quando se refere ao ímpio, o sentimento é de ódio; para com Deus, o salmista ressalta o desejo de estar com Ele, na afirmação: “Quando acordo, ainda estou contigo” (Sl 139.18); para com o ímpio, há, em contraste, a repulsa e o desejo de se afastar: “Apartai-vos de mim, homens de sangue”.

O afastar-se do ímpio é declarado e modalizado a partir de uma paixão de ódio: “odeio-os com ódio completo” (Sl 139.22). O ódio ao ímpio é justificado pelos atos de impiedade cometidos por eles, “homens de sangue”: “falam contra ti com intenção maligna”; “tomam o teu nome em vão”; e “se levantam contra ti”. A impiedade dos ímpios também contrasta com os atos maravilhosos de Deus descritos no salmo. A qualidade divina a ser ressaltada no parágrafo é a sua santidade, que atrai aquele que ama a Deus e que se contrasta com a repulsa diante daqueles que agem contra Deus. O maravilhamento para com Deus e a repulsa quanto ao homem ímpio – por causa de suas impiedades – já apontam para uma oposição que transparece no texto.

Dadas as cinco isotopias que apontam para temáticas particulares em cada parágrafo, pode-se inferir a presença de um motivo geral para o salmo, considerando a concepção que dele se apresenta em Bertrand:

Unidade de discurso, fixa e relativamente autônoma (sob a forma de sequência ou de micronarrativa), caracterizada de um lado por sua estabilidade narrativa e figurativa e de outro por sua variabilidade temática: o motivo (do casamento, por exemplo) pode receber diferentes funções segundo sua posição na narrativa (em posição de contrato inicial ou recompensa final) [...] (BERTRAND, 2003, p. 423-424).

Nesse sentido, pode-se dizer que o motivo do salmo se revela em torno do ser maravilhoso de Deus; assim, cada parágrafo tematiza uma característica divina, sendo marcado por uma isotopia específica.

CATEGORIAS DA ENUNCIÇÃO EM ANÁLISE

Da perspectiva de pessoa, o texto apresenta-se como enunciativo, ou seja, marcado pela correlação em que se opõem o eu e o tu. As marcas da debreagem enunciativa se encontram logo no início do texto, em que o “tu” é instaurado por meio do vocativo “Senhor”, seguido pelos dêiticos determinantes da personalidade, conforme assinala Fiorin (1999, p. 61): “Basicamente, três conjuntos de morfemas servem para expressar a pessoa: os pronomes pessoais retos e oblíquos, os pronomes possessivos e as desinências número-pessoais dos verbos”.

Ainda segundo o autor, estabelece-se uma relação entre as categorias de pessoa, espaço e tempo, a partir da projeção do “eu”:

Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do eu, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato da enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais (FIORIN, 1999, p. 42).

Assim, as categorias de espaço e tempo também serão consideradas, levando-se em conta a projeção do “eu” pelo enunciador.

No texto, duas formas distintas de vocativo são empregadas pelo enunciador referindo-se à figura divina: “Senhor” e “Deus”, ambas com três ocorrências cada uma. “Senhor” é a tradução para o nome de Deus, conhecido como

Iavé, e “Deus” é a tradução para o termo mais genérico “El”, que significa simplesmente “Deus”. No enunciado, há duas ocorrências de Senhor, seguidas por duas ocorrências de Deus, que, por sua vez, são seguidas de uma ocorrência de Senhor e uma de Deus. Na última parte do parágrafo, há o imperativo “sonda-me” como um pedido a “Deus”, relacionando-se com o primeiro verso, em que há uma afirmação de que o “Senhor” havia sondado o salmista. Assim, por um lado, Senhor e Deus, nesse salmo, podem ser termos intercambiáveis, mas, semanticamente, é “Senhor” que aponta para o nome de Deus. Na tradição judaica, há um respeito com esse nome, razão pela qual ele nem chega a ser pronunciado, sendo substituído por “Adonai”.

O enunciador, ao realizar a enunciação com a correlação enunciativa, opta por apresentar a relação entre o salmista e Deus de um modo pessoal, o que marca o caráter global do texto: Deus não é apenas aquele que sabe todas as coisas por sua característica divina de onisciência, mas Deus é aquele que pessoalmente conhece o salmista, pois Ele o sondou. A relação de pessoa implicada no texto destaca-se como um elemento fundamental do conteúdo veiculado.

Os elementos dêiticos que remetem à pessoa são abundantes no texto. Tomem-se, como exemplo, as primeiras linhas do salmo, cujos dêiticos encontram-se destacados pelo uso do itálico: “Ó Senhor, *tu me* sondaste e *me* conheces. *Tu* conheces *meu* assentar e *meu* levantar, de longe entendes o *meu* pensamento. Esquadrinhas o *meu* andar e o *meu* deitar; conheces todos os *meus* caminhos” (Sl 139.1-3).

Nota-se importante e interessante mudança no último parágrafo quanto à categoria de pessoa do texto. De forma até abrupta, o enunciador introduz no enunciado uma terceira pessoa, já que até esse ponto o salmo tratava apenas da relação entre o salmista e Deus, em que Deus o conhece, está sempre com ele e age em sua história; o agir do salmista, representando a figura de um actante, é uma reação à grandiosidade divina. Introduce-se, então, a figura do ímpio no texto, primeiramente como em “ele/ímpio”, na terceira pessoa do singular; assim, por um momento, ele adquire um caráter enuncivo. Os dêiticos, nesse parágrafo, assim como os substantivos que personalizam a terceira pessoa, apontam para a enuncividade.

O fragmento a seguir apresenta, com realce em itálico, a realidade mencionada, e a frase sublinhada destaca outra mudança na discursividade, em que o salmista não se refere mais diretamente a Deus, mas ao ímpio:

Se tão somente matasses o ímpio, ó Deus! Apartai-vos de mim, homens de sangue. Eles falam contra ti com intenção maligna; os teus inimigos tomam o teu nome em vão. Não odeio eu, ó Senhor, e abomino *aqueles* que se levantam contra ti? Odeio-os com ódio completo, tenho-os por *inimigos* (Sl 139:19-22).

Dessa forma, o texto adquire o caráter de enuncividade, passa, rapidamente, para uma afirmação enunciativa – “apartai-vos de mim, homens de sangue” (Sl 139. 19) – com uma mudança no narratário (não mais “Deus”, mas o “ímpio”), retorna para a enuncividade (“aqueles”, “os” como objeto direto, “ímpios”) para, no final, voltar ao fluxo do texto de relação eu/tu entre o salmista e Deus.

Essa “quebra”, propiciada pela variação de procedimentos, no fluxo discursivo é um recurso empregado pelo enunciador para conferir ao texto não somente certo caráter de engenhosidade poética, mas também para destacar a diferença existente entre as pessoas divina e humana. Ressalta-se, nesse ponto, o contraste entre o desejo do salmista de estar/permanecer com Deus, expresso em: “Quando acordo ainda estou contigo” (Sl 139.18), e sua repulsa em relação ao ímpio e suas atitudes, manifestada em: “Se tão somente matasses o ímpio, ó Deus!” (Sl 139.19).

Já no que se refere à categoria de tempo, encontra-se, no salmo, configurada, sobretudo a partir dos tempos verbais projetados pela enunciação no enunciado. Quanto a essa categoria, o texto é enunciativo, pois o texto, logo em seu início, organiza-se em torno do tempo presente: “Ó Senhor, tu me sondaste e me *conheces*”. Como afirma Fiorin (1999, p. 149), o tempo “presente marca uma coincidência entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente”. No salmo 139, há a concomitância entre o ato da enunciação e os eventos enunciados, portanto, um “agora” é instaurado pelo enunciador, demarcado pelo tempo presente do indicativo que domina o salmo estudado, constituindo-se também como momento de referência.

As relações de sucessividade são determinadas a partir do tempo linguístico determinado pelo enunciador. No texto, além do presente do indicativo, encontra-se o pretérito perfeito I. No primeiro parágrafo, encontram-se os seguintes verbos no presente: “conheces” (três ocorrências), “entendes”, “esquadrinhas” e “é”; no pretérito perfeito I, estão os verbos “sondaste”, “cercaste” e “puseste”. Encontram-se ainda verbos no modo subjuntivo, em seu tempo presente: “haja” e “possa”, que conferem a ideia de possibilidade aos conteúdos ao seu redor.

O segundo parágrafo é marcado pela presença de verbos no futuro do presente: “irei”, “fugirei”, “guiará”, “susterá”, “encobrirão” e “será”, os quais também têm como referência o tempo presente como marco temporal, instaurado nesse parágrafo: “estás” (duas ocorrências), “são” (duas ocorrências) e “resplandece”. Há verbos, mais uma vez, no modo subjuntivo, os quais indicam novamente possibilidade: “se eu subir...”; “se eu fizer...”; “se eu tomar...”; “se eu disser...”

Tais intervenções concretizadas nas formas do subjuntivo apontam, na verdade, para uma impossibilidade de o salmista-narrador fugir da presença de Deus. A esse propósito, um contraste se destaca ao longo do parágrafo, entre a “possibilidade” referenciada ao salmista e a “realidade” ligada a Deus, evidenciado pelo uso de modos verbais diferentes para cada sujeito: quando o texto se refere ao salmista, o modo é o subjuntivo; quando se refere a Deus, o modo é o indicativo.

No terceiro parágrafo, a enunciatividade do tempo se demonstra nas formas verbais do presente do indicativo: “Eu te *louvo* porque de um modo terrível e maravilhoso fui formado; maravilhosas *são* as tuas obras, e a minha alma o *sabe* muito bem” (Sl 139.14). Apresentam-se, também, verbos no pretérito do indicativo I: “criaste”, “entreteceste-me”, “fui” (três ocorrências), “foram” e “viram”. Os verbos no pretérito apontam para a ação divina de criação do salmista. Há uma mudança significativa no final do terceiro parágrafo, em que o tempo passa a ser enuncivo, acompanhando a mudança da categoria de pessoa que se dá no mesmo sentido: “Todos os dias que *foram* ordenados para mim, no teu livro *foram* escritos quando nenhum deles *havia* ainda” (Sl 139.16). Percebe-se a dupla marcação temporal no pretérito perfeito II: *foram*, além do verbo no pretérito imperfeito: “havia”. Dessa forma, nesse curto recorte do texto, o momento de referência é colocado pelo enunciador no tempo passado, em contraste com o restante do texto, de caráter enunciativo.

Pode-se extrair do texto a hipótese de que os dois verbos “foram” que constam no recorte ora em análise podem ter momentos de acontecimentos distintos. Na primeira ocorrência, “*foram* ordenados”, o verbo encontra-se no pretérito perfeito II, e na segunda, “*foram* escritos”, no pretérito perfeito I. Tal mudança apontaria para uma ordem dos fatos realizada por Deus em que a ordenação dos dias antecede à escrita deles no livro, além de demonstrar a não concomitância do primeiro ato em relação ao tempo do enunciador.

Pode-se perceber, por fim, que o pretérito imperfeito (do verbo “haver”) marca uma distinção no que diz respeito a seu aspecto com o do pretérito perfeito II, conforme assinala Fiorin (1999, p. 155):

A diferença entre eles reside no fato de que cada um deles tem valor aspectual distinto: o pretérito perfeito 2 assinala um aspecto limitado, acabado, pontual, dinâmico, enquanto o pretérito imperfeito marca um aspecto não limitado, inacabado, durativo, estático.

Logo após, no quarto parágrafo, a enunciatividade temporal se firma novamente, com a ocorrência das formas verbais do presente: “são”, “é”, “acordo” e “estou”. Destaca-se uma frase, no recorte, com a ocorrência de um verbo no modo subjuntivo, tempo pretérito: “contasse”, seguido do verbo ser na terceira pessoa do plural no futuro do pretérito: “seriam”. Instala-se, assim, um sistema enunciativo de referência com a presença de algumas formas no verbo no subjuntivo.

No último parágrafo, há o predomínio do tempo presente, com a exceção da primeira frase, em que há a ocorrência do verbo “matar” no pretérito do subjuntivo: “matasses”, implicando o desejo do salmista-narrador de “aborrecer” a presença do ímpio. Os verbos seguintes, no presente, no modo indicativo, apresentam a enunciatividade no final do texto: “falam”, “tomam”, “odeio” (duas ocorrências), “abomino”, “levantam”, “tenho” e “há”. Na parte final do parágrafo, sobressaem formas verbais no imperativo: “apartai-vos”, “sonda-me”, “conhece” (duas ocorrências), “prova”, “vê” e “guia”. Com o uso do imperativo, o enunciador instaura no texto, por meio do salmista-narrador em seu pedido a Deus, o objetivo de que os enunciatários busquem a Deus, a fim de que Ele sonde seus corações e os guie pelo caminho eterno.

Em síntese, percebe-se que, em relação ao tempo, o texto se apresenta como enunciativo, mas como algumas intercalações de enunciatividade. Passemos à terceira categoria implicada pela enunciação.

Quanto à questão do espaço, sendo o texto de caráter enunciativo, é este ordenado a partir do *hic*. Destacam-se algumas expressões que determinam lugares específicos, especialmente no segundo parágrafo, no qual a ideia de espaço é mais acentuada. Assim, encontramos “céu”, “profundezas” (*sheol*) e “mar”. Os lexemas “oculto” e “profundezas da terra” aparecem no terceiro parágrafo como elementos que figurativizam o útero materno.

Destacam-se ainda, no salmo, dois advérbios de lugar no segundo parágrafo: “Se subir aos céus, *aí* estás; se fizer nas profundezas a minha cama, tu *ali* também estás” (Sl 139.8). Ao abordar a possibilidade de presença desses elementos linguísticos no texto, anota o estudioso:

Passemos ao estudo dos *advérbios de lugar*. Eles são enunciativos ou enuncivos. Os primeiros constituem duas séries: uma tricotômica, *aqui, aí, ali*, e uma dicotômica: *cá e lá*. *Aqui* e *aí* marcam o espaço de uma cena enunciativa, sendo que este assinala o espaço do *eu*, e aquele do *tu*; *ali* indica o espaço fora da cena enunciativa (FIORIN, 1999, p. 269, grifos do autor).

Na esteira desses apontamentos, depreende-se que o advérbio *aí*, como enunciativo, e acompanhando o *tu*, aponta para o lugar onde Deus – o narratário – está: céu. O advérbio *ali*, como enuncivo, aponta para “as profundezas”, tradução da palavra hebraica *sheol*, que pode significar túmulo, abismo, profundidade e que, no âmbito da teologia cristã, adquire o conceito de inferno. E é na contraposição entre esses dois espaços, como síntese dos valores advindos da esfera divina e dos valores associados aos ímpios, que o salmista constrói o seu discurso.

DOS TRAÇOS DE UM OBSERVADOR DIVINO

No jogo complexo de constituição dos sentidos, o salmo 139 conjuga o emprego de procedimentos diversos, os quais podem ser, como estamos considerando, mais bem compreendidos sob a visada da semiótica discursiva. Assim, após termos tratado das isotopias temáticas e do arranjo das categorias enunciativas, lançamos um breve olhar sobre a questão do ponto de vista delineada nesse salmo.

Três conceitos iniciais destacam-se nesta seção: *ponto de vista*, *perspectiva* e *observador*. Bertrand assim define a noção de ponto de vista:

O conjunto dos procedimentos utilizados pelo enunciador para selecionar os objetos de seu discurso e orientar a sua focalização [...] Ela se aplica com efeito às diferentes formas de discurso: narrativo, descritivo, argumentativo, e diz respeito em cada caso ao jogo das posições enunciativas (da *debreamagem* à *embreagem*), à relação modal instaurada entre o sujeito (narrador, observador, argumentador) e seu objeto, às estratégias de estruturação determinadas pelas coerções da textualização [...] (BERTRAND, 2003, p. 427-428).

Esse rico conceito apresenta, portanto, os procedimentos que orientam a focalização da narrativa. A ideia de perspectiva, por sua vez, remete à alçada do texto em si:

À diferença do ponto de vista, que implica um observador, a perspectivização é da alçada da textualização. Ela consiste na escolha que o enunciador faz, levando em conta as coerções da linearidade, ao selecionar o percurso narrativo deste ou daquele ator em detrimento de tal ou tal outro, igualmente presente na cena narrativa (BERTRAND, 2003, p. 427).

Às duas noções apresentadas, soma-se uma terceira, em conceito que se faz necessário para a devida articulação das considerações presentes nesta seção, a do observador:

Sujeito cognitivo, instalado pelo enunciador mediante debreagem, encarregado de receber informações e de transmiti-las. Seus modos de presença no discurso são variados: ele pode estar implícito, reconhecível somente pela análise [...], pode estar manifestado pela indicação de um posto de observação [...] sua atividade pode ser assumida por um ator inserido no texto [...] (BERTRAND, 2003, p. 425).

O salmo 139, por sua riqueza textual, possibilita uma interessante análise quanto à perspectiva e ponto de vista, incluída nesse ponto a figura do observador. O enunciador elabora seu dizer sob o ponto de vista do salmista-narrador, sendo isso percebido pelo caráter enunciativo do texto, evidenciado na relação fundamental eu/tu (salmista/Deus). A disposição do conteúdo do salmo demonstra a organização realizada pelo salmista-narrador da sua relação com Deus. O narrador descreve os atributos divinos de onisciência e onipresença, além do seu poder criador, a partir de sua relação própria com a divindade: “tu me conheces”. Essa relação é vista “de baixo para cima”, pois o narrador se encontra na vida terrena – descrita pelos seus atos que são conhecidos por Deus: quando me assento, quando me levanto... Deus, por outro lado, se encontra nos céus: “Se subir aos céus, aí estás” (Sl 139.8). É essa visão “de baixo para cima” que determina o ponto de vista do texto.

À medida que essa relação Deus/salmista é descrita, a reação do salmista é de admiração mais intensa: “tal conhecimento é maravilhoso demais para mim; elevado demais para que possa atingir [...] eu te louvo porque de um modo terrível e maravilhoso fui formado [...] quão preciosos me são, ó Deus, os teus pensamentos!” (Sl 139.6, 14 e 17).

A perspectiva do texto também é a do salmista-narrador, pois é dele o percurso narrativo em sua descrição dos atributos divinos.

A respeito da figura do observador e da sua relação com um texto descritivo, Bertrand assim afirma: “O ponto de vista é, pois, regido pelo observador e seu modo de presença enunciativa”. Embora o salmo 139 não seja uma descrição, o conceito apresentado determina o modo de ser do observador. Dentro do texto, o observador pode ser qualificado como ator-participante:

Desta vez, a debragem é completa: ela é actancial (estabelecendo um sujeito da ação), espaço-temporal (instalada no lugar e tempo da narrativa), actorial (é uma personagem, frequentemente um dos principais papéis), temática (sua percepção tem um sentido e um valor em relação ao contexto). O discurso figurativo (ou descritivo) é a partir de então inteiramente assumido por esse ator instalado na narrativa e associado a ele (BERTRAND, 2003, p. 125).

Assim, o salmista-narrador assume a função do observador do tipo ator-participante, pois é a partir de seu ponto de vista – e como ator da narrativa que determina a visão de quem Deus é e do que Ele faz – que o texto tem o seu percurso definido. Embora no salmo a onisciência divina seja ressaltada, sendo essa a isotopia regente do texto, é a partir do salmista como observador que essa característica divina é demonstrada. É ele – salmista – quem se admira com a onisciência e onipresença divinas, com a visão e poder absolutos de Deus descritos no texto. O enunciatário é levado a conhecer Deus e pedir pela sua intervenção na vida pessoal a partir da visão que o salmista-narrador-observador oferece no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apresentadas neste artigo, observa-se, ainda uma vez, a pertinência de elementos relacionados à análise enunciativa para a compreensão dos mecanismos de significação engendrados nos textos.

Recorrendo aos pressupostos teóricos desdobrados nos estudos de Bertrand e Fiorin, buscamos desvelar o sentido construído a partir de alguns procedimentos empregados pelo enunciador na organização de sua mensagem e, por extensão, no modo como ele a veicula ao enunciatário. Nesse sentido, ao se falar de um texto bíblico, a tarefa assume importância significativa, haja vista o interesse na interpretação implicada na leitura e compreensão de mensagens que têm influência na vida de milhões de pessoas, além de um papel

fundamental ao longo da história do desenvolvimento da civilização (ocidental, especialmente).

A observação de elementos relacionados às isotopias temáticas, às categorias enunciativas e à problemática do ponto de vista permitiu que se evidenciasse tal importância a partir de um texto específico, o salmo 139, do qual se verificou a constituição em redor de pontos que os pusessem em destaque, reafirmando seu valor e sua utilidade para a compreensão de mecanismos de fundamental importância para se compreender o processo de discursivização.

Isotopies and point of view in the reading of Psalm 139

Abstract

This article proposes an exercise in enunciative analysis of the biblical text of Psalm 139, aiming to consider some of the assumptions of the theory of enunciation, based on Fiorin's approach in his work *Astúcias da enunciação*, as well as resorting to the concepts of thematic isotopy and of point of view, perspective and observer from Bertrand in *Caminhos da semiótica literária*. Furthermore, it is intended to observe how the use of these theoretical postulates, in fact, helps in understanding the mechanisms of meaning present in the utterance.

Keywords

Bible. Greimasian semiotics. Enunciation.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2020.

FIORIN, J. D. *As astúcias da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

KIDNER, D. *Salmos 1–72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 2.0 [on-line]. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Sondar>. Acesso em: 14 ago. 2022.

NELSON, T. *The Nelson Study Bible*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.